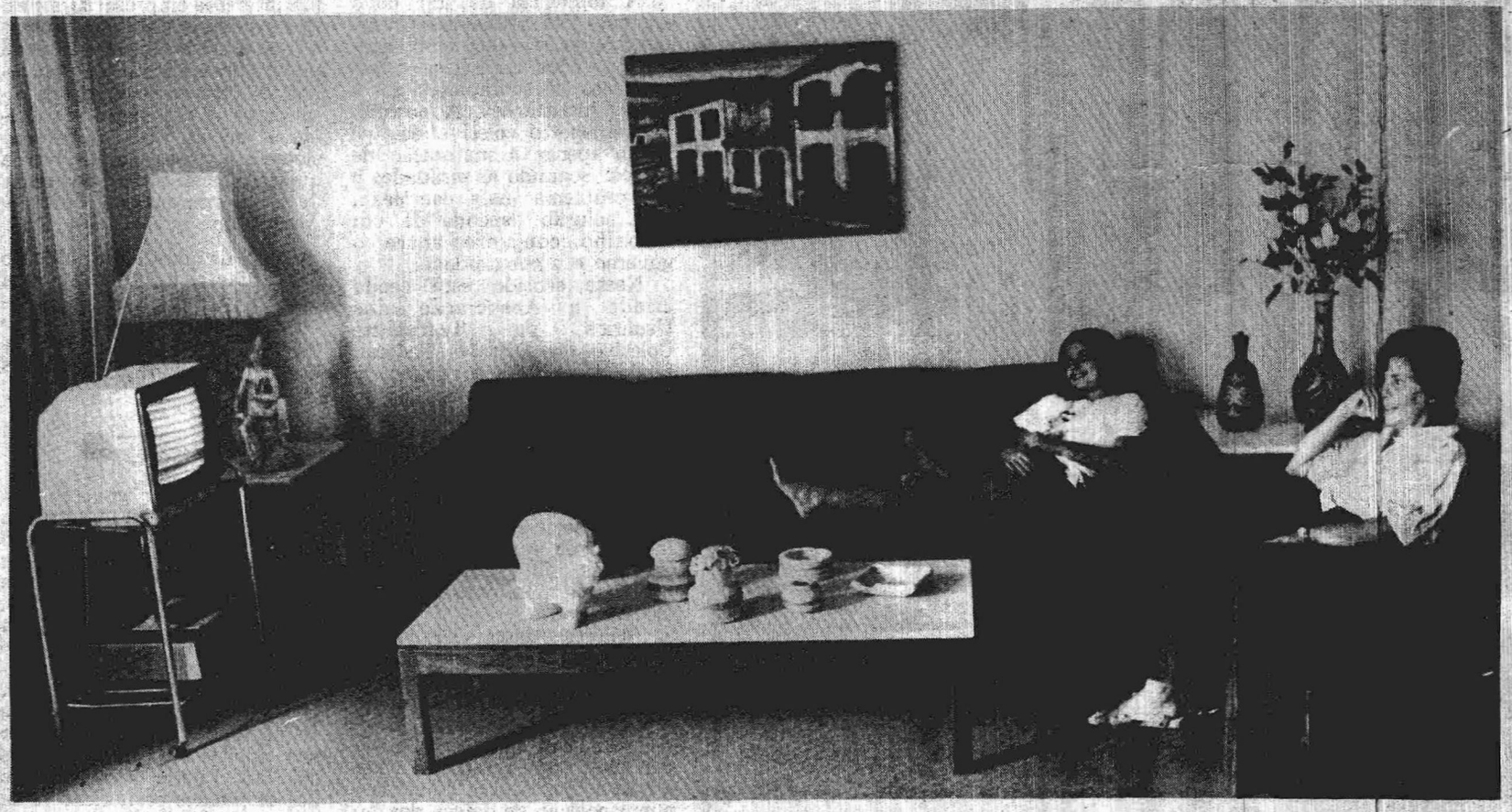
Deputados adotam Brasília

Os parlamentares se acomodaram em Brasília e as corridas aos vôos semanais são esporádicas

Josemar Gonçalves



D. Maria Helena Garcia (E) ainda sente a falta das praias sergipanas, mas diz que os clubes brasilienses compensam em parte

O grupo de crianças demonstra que a piscina pode suprir a falta da praia. E no clube há também quem prefira apenas sossego

Lúcia Araújo

Brasília já não é mais uma cidade-escritório, abandonada pelos moradores nos fins de semana. Os principais causadores desta fama, os parlamentares, a cada gestão buscam mais identidade com a capital, procurando adaptar a vida da família às condições que a cidade oferece. Ao grande movimento do aeroporto nos dias de quinta e sexta-feiras, que se via há dez anos, se contrapõe, hoje a lotaçao do Clube do Congresso aos domingos, onde os deputados passam o dia a saborear pedaços de carne assada na brasa juntamente com os familiares.

O deputado Antônio Câmara, por exemplo, eleito em primeiro mandato pelo PMDB do Rio Grande do Norte, aprendeu a fazer churrasco durante os quase vinte meses que está na cidade. Marli Alecrim Câmara, mulher do parlamentar, apesar de jamais se esquecer das belas praias de seu Estado, aprendeu a gostar dos costumes brasilienses. "Aqui parece que todo mundo gosta de churrasco".

Todos os fins de semana o casal pode ser encontrado ao lado dos quatro filhos numa das churrasqueiras do Clube. Alí, o convívio dos amigos, igualmente parlamentares, faz esquecer a saudade da terra natal.

Outra assídua frequentadora do Clube do Congresso e do Iate, Maria Helena Garcia, mulher do deputado pedessista Gilton Garcia trocou o caranguejo das praias de Sergipe pelo churrasco. "Eu sinto falta do ambiente da cidade praiana, mas os clubes suprem em parte esta falta".

Apesar de terem deixado para trás parentes, costumes e toda uma vida na cidade de origem, grande parte das esposas dos parlamentares em primeira gestão estão satisfeitas com a nova vida. "Minha mudança foi de vital importância para a criação de meus filhos", confessa Marli. Ela acha o meio cultural de Brasília mais rico e a qualidade dos colégios excelente.

Eliane e Silva Nogueira Lima, mulher do deputado do PMDB do Piauí, Ciro Nogueira, e mãe de cinco filhos, com idade entre cinco e dezesseis anos, também acha que o nível de ensino daqui é melhor que no Nordeste. "Eu já pretendia tirar meus filhos de lá para estudarem fora. A vinda para cá foi uma coisa boa".

Durante os meses que está em Brasília, Eliane observou que as famílias dos parlamentares nordestinos têm mais facilidade em se adaptar à capital. "Quem mora no Rio ou São Paulo vem passear". Marli Câmara também concorda com a observação e acha que a curta distância facilita um trânsito maior entre aquelas cidade e Brasília. Apesar disso, a maioria das mulheres está satisfeita com a cidade.

Os filhos dos parlamentares sentem mais dificuldade de adaptação que suas esposas. "Mas após o impacto dos primeiros meses elas passam a gostar", garante Marli. Leonardo Rosário de Alcântara, filho mais novo — 11 anos — do deputado cearense Lúcio de Alcântara, só sente falta da praia. Confessa ter mais amigos que em Fortaleza e gostar bastante do colégio em que estuda.

O ambiente de superquadra é bastante elogiado pelos parlamentares, porque facilita o convívio grupal. Eliane morava numa casa grande em Teresina e pensou que ficaria isolada num apartamento. Confessa, entretanto, que rapidamente formou um grupo de amigos, geralmente parlamentares ou membros da colônia piauiense.

Para as pessoas entrevistadas, Brasília favorece o convívio familiar. "Passei a viver para a família, para os filhos", afirma Marli. "Lá em Aracaju eu trabalhava, aqui eu "sou dondoca", explica, "rindo, Maria Helena. "Em compensação a vida familiar ficou mais cheia. Tenho tempo de levar meus filhos à escola, por exemplo".

Embora permaneça na cidade vários dias e as crianças só viajem nas férias, Eliane Nogueira confessa que vai todo o mês à Teresina. "Nós temos uma imobiliária e sou eu quem fecho o caixa, por isso não dá para sentir saudades". Já Marli e Maria Helena vão às cidades de origem com menos frequência. Mas nem por isso cortaram o cordão umbilical.